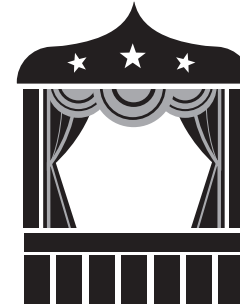




Abel Barros Baptista

# OBNÓXIO

(CENAS)



*com um*

«Óbvio Obnóxio deste livro»

*por*

Luísa Costa Gomes

LISBOA

TINTA-DA-CHINA

MMXIX

## ÍNDICE

Cena de entrada	9
1. Carta de condução <i>Com referência a um texto de Adília Lopes</i>	13
2. Cenas breves	33
3. Dor-de-cotovelo <i>O energúmeno e o diplomático</i>	151
4. Elvis não saiu de cena <i>Fantasia em dois actos, um prólogo e um epílogo</i>	169
Óbvio Obnóxio deste livro <i>por Luísa Costa Gomes</i>	197

© 2019, Abel Barros Baptista e  
Edições Tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6-A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/29  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Obnóxio: Cenas*  
Autor: Abel Barros Baptista  
Posfácio: Luísa Costa Gomes  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Novembro de 2019

ISBN: 978-989-671-519-9  
Depósito Legal n.º 463 060/19

*... na Cidade do Cabo, sim na África do Sul,  
onde os portugueses dobraram a cena.*

(alguém ao telefone, Metro de Lisboa, 3-9-2019)

## CENA DE ENTRADA

- Bom dia! Faça favor de dizer.
- Bom dia! Vinha trazer um livro, propor... submeter um livro para edição, quero dizer.
- Ah... Com certeza! Mas a nossa Editora-chefe não está. Sabe, ela gosta de receber as propostas de originais pessoalmente. Uma característica da nossa empresa, compreende?
- Sim, compreendo, eu próprio gosto de as entregar pessoalmente, como vê... Mas posso voltar então noutro dia. Sabe dizer-me qual seria a melhor altura?
- Não, peço imensa desculpa, mas não sei. A agenda dela é intensa, sempre em reunião, muita viagem, até a países longínquos...
- Parece pouco prático...
- Nem por isso, ela está muito acostumada a viagens frequentes, até tem sempre aqui uma maleta pronta para qualquer partida imprevista.
- O que eu queria dizer é que parece pouco prático viajar muito e querer receber pessoalmente as propostas de edição. Se calhar é uma maneira fácil de ir descartando as propostas espontâneas.
- Não diga isso, por amor de Deus. Estamos sempre disponíveis para receber propostas. E estamos disponíveis porque gostamos muito de receber propostas. E devo dizer-lhe que até tenho autorização para receber as que aparecerem sempre que ela não está.

- Mas não acabou de me dizer que a Editora-chefe...
- Gosta de as receber pessoalmente? Disse, pois. Mas uma coisa não impede a outra. Nem sempre pode ser como a gente gosta, não é? E ela sabe que tem de estabelecer prioridades. Vá, eu tomo nota do livro, temos um formulário próprio para apontar tudo. Primeiro o autor. Como se chama?
- Abel Barros Baptista.
- Com p ou sem p?
- Com p, se não se importa.
- Não me importo nada, sou totalmente contra o acordo, calha bem. E o título?
- Mas sabe que com os nomes...
- Os nomes já estão, agora o título. Qual é o título?
- Pequena miscelânea obnóxica.
- Pequena...? Hmm... a Editora-chefe costuma torcer o nariz a títulos grandes com a palavra pequena, sabe? Há uns tempos também fui eu que recebi aqui um livro que se chamava — imagine que nunca mais me esqueci — «Pequena contribuição para o recenseamento das almas do purgatório». Era um romance, desses que não têm capítulos nem nada. Ela, mal viu o título, ficou numa fúria, aos gritos por aqui fora, pequena? pequena? se é pequena porque é que o título é tão grande? E desatou logo a cortar palavras no título, olhe, ficou só Purgatório.
- Um tanto drástico, não?
- Não fez mal nenhum, o livro até foi recusado. Quando devolvemos o original, foi com o título todo, não ficou cá nada.
- Antes assim. Mas olhe, se o título for problema, estou preparado para o substituir. Até pode riscar já esse e pôr só uma palavra: Obnóxio.

- Calma, não se precipite. Ainda ninguém lhe disse nada do título, eu aqui nem sou ninguém. Fazemos assim, ponho aqui um apontamento a dizer que pode mudar. Vou escrever assim, veja lá se acha bem: O autor, embora proponha este título extenso, estaria confortável com a simplificação para uma palavra só, por exemplo, Obnóxio, se tal favorecer a edição. E já ponho obnóxio em itálico. Que acha? Confesse que não estava à espera de ver um apontamento tão bem escrito, pois não?
- Não sei se aprovo esse confortável que aí pôs, mas sim, está bem, sim...
- Claro que está bem, deixe lá estar o confortável. E se eu lhe dissesse agora que sou eu mesma a Editora-chefe e tenho estado a divertir-me à sua custa?
- Não me surpreenderia. Já vi coisas mais bizarras.
- Não me diga! Mas estou a brincar consigo, não sou nada a Editora-chefe. Nem temos Editora-chefe, calha bem! Não ligue, hoje deu-me para isto. Continuemos com o seu livro. Qual é a tipologia?
- Tipologia?
- Sim, o tipo de livro, que tipo de livro é? Tem de caber nos tipos que temos determinados. Olhe, temos ficção, poesia, ensaio literário, ensaio político, ensaio histórico, viagens, humor, testemunho humano. O seu livro é um testemunho humano?
- Há algum livro que não seja um testemunho humano? Há algum testemunho que não seja humano?
- Sei lá! Já lhe disse que eu aqui não sou ninguém. Só tenho de apontar o tipo, qual é o tipo? De que é que trata?
- Bom, é uma miscelânea... Trata de várias coisas, por definição. É um tipo de livro variado, vários temas, vários assuntos, vários géneros...

- Isso não calha lá muito bem. Não consegue dizer-me um assunto? Qualquer coisa, a liberdade de expressão, por exemplo, o livro fala da liberdade de expressão? Não? Pena, é um tema que aqui apreciamos. Vá lá, não esteja para aí a encolher os ombros, homem, parece um miúdo que foi à lata das bolachas... desculpe a familiaridade...
- Quem me dera. Era isso mesmo que eu gostava de ser agora. Mas não, só tenho um livro, uma miscelânea, talvez muito idiosincrática, nem tema, nem assunto, nem tipo, nem nada.
- Nem nada?! Olhe, eu aqui não sou ninguém, mas mais vale levá-lo já de volta consigo... Ao mesmo tempo, faz-me pena, o senhor deu-se ao trabalho de vir até aqui... E também me faz espécie, que coisa, nem sabe dizer de que trata o livro, valha-me Deus... Como é isso possível?
- Sabe, os livros que escrevemos aparecem-nos em sonhos gerados pelos livros que lemos e admiramos.
- Lindo! que poético... Mas olhe que pelo título não parece coisa de sonho.
- Parece o que é.
- Apareceu-lhe assim nalgum sonho, com esse título?
- Não foi bem, é o livro que sempre sonhei fazer, uma miscelânea, um tipo de livro já de si meio obnóxio.
- Meio obnóxio? Desculpe, mas o que quer dizer obnóxio, ainda que mal pergunte...
- Não tem aí um dicionário no computador?
- Por acaso tenho, não seja por isso, vou já ver. Ora, o... b... esta agora!... não tem... Tem a certeza que essa palavra existe?
- Não se aflija. Se fizer chegar o livro à Editora-chefe, a palavra há-de apresentar-se por si mesma.

I.  
CARTA DE CONDUÇÃO  
*Com referência a um texto de Adília Lopes*

Ainda não tenho claro o processo que me levou a responder ao pedido de indicação de título com este, que foi ficando e ficou:

### *Carta de condução*

É certo que na proposta inicial\* me disseram que podia tratar de cartas de qualidade diversa, não apenas a epistolográfica; mas daí mesmo se devia esperar que eu tivesse alguma coisa ou muito relevante ou muito discrepante que justificasse a escolha de uma carta que afinal só uns fumos de etimologia ligam à que, por exemplo, Agustina enviou a José Régio e que António M. Feijó tratou agora mesmo. A carta é uma superfície pronta a receber o que depois de recebido chamamos escrito ou inscrito; e ao inscrito ou escrito também chamamos carta, e assim se resvala em deslocções tão metonímicas como aborrecidas. Nada que não me atraísse noutras circunstâncias; agora é que não. O mesmo vale, entretanto, para a superfluidade de óbvios trocadilhos, com disposição evocadora do mestre deles, o saudoso José Sesinando, que poderia ter dito que o cartão de cidadão não é canelado como disse que o *Arco*

\* Este texto foi escrito a convite de João Pedro Vala, Nuno Amado e Jorge Almeida, alunos do Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para ser apresentado num ciclo de conferências sobre cartas que promoveram em diferentes locais da Universidade de Lisboa, este texto foi apresentado no Instituto Superior Técnico no dia 11 de Maio de 2017.



2.

CENAS BREVES

## OBNÓXIO DO NÓS (I)

- Perguntaram-me há dias quem somos nós. O que fazemos. O que pensamos. Porque dizemos certas coisas...
- E que respondeste?
- Nada. Fiquei embaraçado. Afinal, quem somos nós?
- Nós os dois?
- Hã? Nós os dois?! Achas que era isso que queriam saber? Pensei que era da humanidade, do género humano ou assim.
- Bom, tu é que lá estavas, mas eu diria que era de nós dois.
- Bolas! Nós os dois... Afinal era fácil.
- Não sejas palerma, de nós dois nunca nada é fácil.

3.  
DOR-DE-COTOVELO  
*O energúmeno e o diplomático*

Apresentado originalmente no colóquio Arte & Dor, organizado por Margarida Acciaiuoli e Jaime Branco, parceria entre a Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que se realizou em 26 e 27 de Novembro de 2015.

Como se espera do título, e aliás me competia, fiz algumas averiguações sobre o significado da locução «dor-de-cotovelo» e a razão do seu uso. A melhor das poucas conclusões que atingi é que a familiaridade da locução não é causada por nenhum sentido óbvio e pelo contrário desencoraja o propósito inquiridor. Querer saber o que significa «dor-de-cotovelo» implica necessariamente renunciar a usar a expressão para os efeitos familiares. Não muito diferente do que se passa com outros tipos de manifestação linguística, não apenas as chamadas expressões idiomáticas; mas neste caso é pena que assim seja, porque os efeitos familiares são interessantes, quer do ponto de vista literário quer do ponto de vista quotidiano.

Quanto ao significado da expressão, dir-me-ão que qualquer bom dicionário o esclarece, mas é engano logo comprovado pelo exemplo que vou dar de duas definições muito próximas. O Dicionário Houaiss define «dor-de-cotovelo» como «despeito provocado pelo ciúme ou pelo facto de se ter sofrido alguma decepção amorosa». O Aurélio define-a assim: «ciúme ou despeito por motivo de amor». A diferença não é negligenciável. O Houaiss reduz a dor-de-cotovelo ao despeito, seja ele causado por ciúme ou por decepção; para o Aurélio, o ciúme é a «dor-de-cotovelo», não a sua causa, e a definição coloca o despeito em alternativa, distinguindo-o do ciúme. Haveria assim, seguindo esta lição, uma

«dor-de-cotovelo» que designa o ciúme e uma «dor-de-cotovelo» que designa o despeito; ou uma «dor-de-cotovelo» que oscila facilmente entre a designação do ciúme e a designação do despeito; mas a pertinência de as distinguir pelos vistos escapa ao Houaiss...

A diferença, repito, não é negligenciável. Até do ponto de vista prático, já não digo na vida conjugal, mas mais amplamente no âmbito do que os psicólogos chamam interacção com os pares, é muito aconselhável distinguir o ciúme do mero despeito — ou o despeito do mero ciúme. A «dor-de-cotovelo-ciúme» dói mais ou dói diferentemente da «dor-de-cotovelo-despeito»? Podemos ter esperança de chegar a dirimir o assunto? Podemos, ou poderíamos, porque a condição é que o cotovelo possa pronunciar-se, ainda que figuradamente. Ora, embora estejam bem delimitados dois tipos de dor-de-cotovelo, a do golfista, aliás epicondilite medial, e a do tenista, aliás epicondilite lateral, nenhuma delas corresponde a nada de minimamente proveitoso para o nosso caso, ou então correspondem as duas, pois ambas resultam de se pedir aos músculos mais do que podem dar. Mas, original que fosse, seria incompreensível, fora de um trecho de comédia, um sujeito dizer que sofre de «despeito do epicôndilo» ou queixar-se de «ciúme do tendão». De modo que a solução deverá procurar-se noutra lado.

Aí entra, então, o inquérito da razão de ser do sentido com que se usa a locução. Suposto o costume seja explicar estas coisas pela origem, é um mau costume. A averiguação usual, quando não consegue detectar o chamado *tertium comparationis* — certa característica comum ao despeito, ou ciúme, e à dor-de-cotovelo —, desenterra uma pequena história ou situação peculiar, uma origem em que se expõe, sem necessidade de interpretação, certa contiguidade entre ciúme, ou despeito, e dor-de-cotovelo. Existe documentada — isto é, encontra-se na internet — uma conjectura

peculiar da particularidade dos cotovelos dos pacientes inconsoláveis de desgosto amoroso extremo: doem porque os fincam demasiado nos balcões dos bares, que também frequentam demasiado. Se tem alguma graça, não compensa a metafísica.

A busca da origem é apenas uma modalidade popular de inquérito, quer porque as curiosidades sempre fascinam os curiosos, quer porque a origem de facto beneficia de prestígio metafísico inegável. Mas por isso mesmo se trata também de completo engano: determinar a situação original em que certa expressão surgiu com certo sentido nada esclarece sobre a possibilidade, essa essencial, de entender o mesmo sentido sem conhecer a mesma situação original. A boa explicação baseada na origem redundante sempre, portanto, em comprovação da sua própria e necessária inutilidade.

É por efeito da repetição, sem origem nem termo, que se sabe ou julga saber o que significa, mais coisa menos coisa, «dor-de-cotovelo», quer dizer, mais ciúme menos despeito, mais inveja menos ressentimento... A principal vantagem é obviamente dispensar distinções laboriosas. O uso da locução implica, desde logo, certa presunção da estabilidade de um sentido familiar compatível com a variação, o equívoco, o mal-entendido. A «dor-de-cotovelo» ocorre como designação de um agrupamento informal de emoções capazes de conviverem bem porque capazes de ignorarem o que as separa em favor de uma homogeneidade cordial: desfeita, humilhação, ressentimento, decepção, inveja, cólera, raiva, ciúme, vingança, a série é reconhecível e ainda que se acoite muito bem sob a protecção da «dor-de-cotovelo», a delimitação de cada termo, a repetição e o agravamento implicado configuram uma escalada que pode levar do amuo inocente (enfim...) ao furor homicida.

4.

ELVIS NÃO SAIU DE CENA

*Fantasia em dois actos, um prólogo e um epílogo*

Primeira versão com o título «Elvis hasn't left the stage», *Granta* 7, Lisboa,  
Tinta-da-china, 2016.

DRAMATIS PERSONÆ

REBECCA, DAVID,  
DOIS PALERMAS, HOMEM MUITO ALTO,  
INTRUSO COM ÓCULOS DE JESUÍTA,  
HAROLD BLOOM

## PRÓLOGO

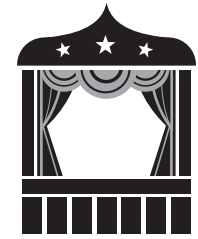
*Cena vazia, ouvem-se duas vozes em conversa, como se viessem dali para aqui.*

- Elvis?!
- Surpreendente, não é? Ninguém imagina que tenha ficado trancado no palco, depois de tanto se repetir que até saiu do edifício.
- Uma surpresa, com efeito. Mas olha que carece de muita explicação.
- Nem tanto, e aliás não garanto que tenha ficado fechado...
- Trancado.
- Ou isso, tanto faz! Estamos em planos metafóricos, ou em metáforas planas. O próprio tablado é uma metáfora, se me entendes.
- Longe disso, meu caro, longe disso. Escorreguei uma vez num tablado bem encerado: as metáforas apareceram depois. Se me entendes.  
*(Riem ambos.)*
- O tablado bem encerado. Era bom título, para qualquer coisa...
- Sim, qualquer coisa...  
*(Gargalhadas diminuindo de intensidade sugerindo que se afastam.)*



ÓBVIO OBNÓXIO DESTE LIVRO  
*por Luísa Costa Gomes*

- Lá está, não há muito a dizer...
- Não sei se há muito ou pouco, ainda não comecei...
- Disseste que não sabias por que ponta lhe havias de pegar!
- Não quer dizer que não haja muito a dizer, o ponto é dar com a entrada.
- Pega por qualquer lado, arranja-se sempre qualquer coisa para dizer.
- Sim, conversa de chacha!
- Qual quê! Puxa pela mona! Há uma maneira de falar de livros. Há até várias maneiras. Segue as normas, não tem que enganar. De que é que trata?
- Tu pareces a secretária da editora. Isso ficou logo tratado no princípio do livro.
- Esses livros que se tratam a si próprios são mais difíceis de tratar. Então quer dizer que não tem história?
- Tem histórias. Histórias humorísticas. A da carta de condução, a do ovo, a da beringela branca, a do juiz, e por aí fora...
- Mas não é um livro de anedotas, que é lizado falar de um livro de anedotas!
- Depende do que se entender por anedota.
- Não, não depende. Anedota é: era uma vez um alemão, um inglês e um português.
- Falta o francês. Ou: um rabi entra num bar...



# OBNÓXIO

foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso pela Rainho & Neves,  
sobre papel Coral Book de 90 gramas,  
em Outubro de 2019.